



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

POR DENTRO DA ESCOLA: IMAGENS DO PROFESSOR, DO ALUNO E DO CURRÍCULO NO FILME ESCRITORES DA LIBERDADE

Ana Paula Domingos Baladeli¹

Resumo: A escola e os desafios da profissão docente estão presentes em variados filmes comerciais, estes que retratam a trajetória de um professor idealizado. Outro clichê explorado à exaustão é o do aluno da escola pública de periferia, apresentado como agressivo, desmotivado, com dificuldades de aprendizagem e sem perspectiva com a escola. Este artigo analisa as imagens do aluno de periferia, do professor *outsider* e do currículo no filme *Escritores da Liberdade* a partir dos pressupostos dos multiletramentos. A análise indica que o aluno de periferia carece da existência de um professor bem intencionado, que está comprometido com a transformação por meio do laço afetivo construído com os alunos. A narrativa fílmica precisa ser compreendida como discurso já que retrata a profissão professor; a imagem do aluno e o papel do currículo de forma estereotipada.

Palavras-chave: Discurso cinematográfico. Escola pública. Imagem da docência. *Escritores da Liberdade*.

INSIDE THE SCHOOL: DEPICTIONS OF TEACHER, STUDENT AND CURRICULUM ON FREEDOM WRITERS MOVIE

Abstract: The school and the challenges underlying the teaching profession are presented in various commercial movies, which portray the trajectory of an idealized teacher. Another cliché explored exhaustively is the student from urban public school, who is aggressive, unmotivated, with problems learning and who shows no expectations to school. This paper analyzes the depictions of the student from urban public schools, the outsider teacher and curriculum on *Freedom Writers* based on the multiliteracies framework. The analysis evidence that the students from urban public schools lacks the existence of a well-intentioned teacher, who is committed to the revolutions through the affective bond built with the students. The narrative of the cinema needs to be understood as discourse because it portrays the teaching profession; the student depictions and the role of curriculum in a stereotyped version.

Keywords: Cinematographic discourse. Public school. Teaching depictions. *Freedom Writers*.

INTRODUÇÃO

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. annapdomingos@yahoo.com.br



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

As representações de escola pública de periferia e do professor *outsider* (forasteiro) estão presentes em narrativas fílmicas de diferentes gêneros. Com pouca formação para a função, ou mesmo sem a experiência como docente, o professor *outsider* aceita o desafio de lecionar temporariamente em uma sala de aula considerada problemática. O cinema como arte extravasa o lirismo via recursos de edição e de produção que desencadeiam a experiência estética do espectador com a obra. Com maior ou menor grau de verossimilhança, o filme promove uma imersão na narrativa que pode despertar sensações e sentimentos a partir da hibridização das linguagens. Temos o discurso verbal, o visual e o sonoro compondo um amálgama discursivo engendrado por um tema, geralmente no caso de filmes de escola, narrando a jornada solitária de um(a) professor(a) em busca da transformação e/ou salvação de seus alunos considerados pelo sistema escolar problemáticos.

Comumente, as representações de professores segundo no cinema, centram-se no enfrentamento constante entre professores novatos e o sistema educacional tradicional. O embate ocorre porque para a gestão da escola são importantes os índices de matrícula, a superação da evasão e a obtenção de melhores escores da instituição nos exames oficiais. Em outra linha, temos o professor novato, que tem como preocupação primeira transformar sua sala de aula em um espaço onde a aprendizagem ocorra de forma democrática.

O cenário apresentado nos enredos de filmes de escola conta com professores desmotivados e indiferentes, gestão descompromissada, alunos rebeldes e sem perspectiva de aprendizagem. Porém, a escola ganha nova atmosfera com o ingresso na instituição de um professor temporário considerado *outsider*. Esses são geralmente pouco experientes e estão despidos de pré-conceitos sobre a escola e os alunos. Nesses termos, para provar que a transformação é possível, o professor *outsider* ou forasteiro (DALTON, 2010; 2017), enfrenta obstáculos que vão desde a desconfiança e a falta de apoio por parte da gestão escolar, até a rebeldia e violência de seus alunos. O enredo se repete à exaustão nos chamados filmes de escola, aqueles em que o(a) protagonista é um(a) professor(a) temporário, forasteiro, e o cenário principal da narrativa é a escola pública de periferia. Estudos de Ferreira (2009); Dalton (1996, 2010); Teixeira (2010); Borges (2012); Ficher e Baladeli (2017) destacam que



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

tais características naturalizam de um lado, a imagem do professor salvador e milagreiro, e de outro, a do aluno da escola pública como um sujeito sem perspectivas e revoltado com sua condição social.

Na maioria dos filmes com essa temática, a escola pública é retratada como um espaço de conflitos que além de evidenciar os aspectos negativos da pobreza e, a inevitável relação entre pertencer à periferia e seguir na criminalidade, ilustra um cenário de intolerância racial, social e cultural. Ainda que os filmes de escola resultem de uma interpretação do cineasta, cujo objetivo é “[...] tocar no público, pretende que o público se afete com sua obra, que se envolva com a sua narrativa, tal como se passa com as grandes obras” (TEIXEIRA, 2010, p.266), a lógica repercute um conjunto de imagens, de valores e de crenças que carecem de problematização.

Com o propósito de analisar as imagens do aluno de periferia e do professor *outsider* no filme *Escritores da Liberdade - Freedom Writers* (2007), os pressupostos dos multiletramentos nos subsidiam na interpretação dos sentidos atribuídos à docência repercutidos pelo discurso cinematográfico. Os multiletramentos ou letramentos multi(hipermidiático) segundo Dionísio (2006), Kalantzis e Cope (2008), Signorini (2012), consideram que os sentidos podem ser produzidos a partir das linguagens multimodais (verbal, visual e sonora).

No caso do cinema, considerando a abrangência global como produto de uma cultura, a proliferação de sentidos construídos e naturalizados sobre os diferentes sujeitos e/ou grupos sociais, podem ser estudados a partir dos multiletramentos. Portanto, quando transpostas para outro tempo e espaço, as narrativas fílmicas levam consigo ideologias e valores que demandam análise crítica a fim de evitar a naturalização de estereótipos.

Nestas reflexões, o filme *Escritores da Liberdade* é analisado para além de sua dimensão estética. Como discurso, o consideramos como parte

[...] da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Por entender a natureza social e ideológica de todo discurso, inclusive do cinematográfico, as reflexões de Fairclough (2001) nos auxiliam na compreensão dos sentidos difundidos sobre a profissão professor, o aluno e o currículo. Vale ressaltar que imagens nesta análise referem-se aos sentidos subjacentes à docência, evidenciados na hibridização da linguagem verbal e não verbal. Os sentidos sobre o que é ser professor, bem como a caracterização do aluno de escola pública estão presentes nas ações das personagens, nos diálogos e, na forma como o enredo retrata a rotina escolar. Embora, os sentidos possam ser mais ou menos explícitos, a depender dos propósitos do filme e do gênero no qual se enquadra, por meio da multimodalidade das linguagens interpretamos o enredo. Logo, em um filme baseado em fatos reais, como é o caso de *Escritores da Liberdade*, buscaremos na verossimilhança os desafios vivenciados por um professor *outsider* no cotidiano escolar, bem como tenderemos a nos projetar como o(a) protagonista durante sua jornada na docência.

O ENREDO DE ESCRITORES DA LIBERDADE

Escritores da Liberdade - Freedom Writers (2007) é uma narrativa fílmica, do gênero drama, adaptada do livro homônimo publicado em 1999 nos Estados Unidos. Narra a rotina de Erin Gruwell (Hillary Swann), como professora temporária em uma escola de periferia na cidade de Los Angeles, Estados Unidos.

Gruwell ingressa como professora temporária de Língua Inglesa e Literatura na *Wilson School*, instituição pública participante do Programa de Integração. O referido programa consistia na inclusão de alunos afroamericanos, imigrantes e de baixa renda em escolas públicas dos Estados Unidos na década de 1980. O Programa de Integração foi resultado das reivindicações do movimento anti-segregação, que tinha como objetivo a defesa dos Direitos Civis e a luta pela igualdade de condições para grupos à margem da escola.



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

Na esteira de outras narrativas fílmicas sobre o tema, em *Escritores da Liberdade* (2007), o entorno da escola também está dominado por gangues, violência, pobreza, conflitos étnicos e culturais. A escola, neste contexto, representa o espaço aglutinador de conflitos, de problemas sociais ocorridos na comunidade e que se estendem à sala de aula. O papel da escola é o de incluir em sala de aula os alunos de diferentes contextos culturais e de poder aquisitivo baixo. A escola pública passa a ser espaço de disputa ideológica, já que de um lado estão os alunos de periferia e, de outro, o currículo, que representa um sistema tradicional de valores hegemônicos que pouco ou nada motivam os alunos a estudar (DALTON, 1996; FABRIS, 2010; TEIXEIRA, 2010; BORGES, 2012).

A protagonista Gruwell é filha do ex-juiz de direito Steve (Scott Glenn), é casada com Scott (Patrick Dempsey) de quem no início recebe total incentivo para realizar seus projetos pedagógicos na turma 203. Em seu primeiro contato com a escola, Gruwell conhece a coordenadora Campbell, esta que a exemplo de outros gestores presentes em filmes sobre o tema, demonstra pouca preocupação com os alunos. Como gestora, opõe-se à visão de educação do professor *outsider* ou forasteiro, este que parece ser o único a cultivar uma percepção otimista da educação. Já nas primeiras cenas do filme, observamos as diferenças entre as concepções de educação da professora Gruwell e da coordenadora Campbell.

Coordenadora Campbell: Sim, estas são as salas. Você vai começar com o Inglês para o 1º ano, 4 salas, total de 150 alunos. Alguns acabaram de sair do reformatório. Alguns podem estar usando tornozeleira eletrônica para serem localizados. E, sabe, teremos de revisar seu planejamento. Se vir as notas deles, estas listas de vocabulário e alguns desses livros como *A Odisseia* de Homero serão complicados pra eles.

Gruwell: Tudo bem.

Coordenadora Campbell: E também, a maioria pega três ônibus pra chegar aqui, uns 90 minutos na ida e na volta.

Gruwell: Meu Deus!

Coordenadora Campbell: Então, não daria muita lição de casa. Perderia muito tempo vendo lições atrasadas. Você é de Newport Beach?

Gruwell: Sim.

Coordenadora Campbell: É uma pena que não estava aqui há uns dois anos, sabe. Costumávamos ser uma das melhores escolas da região, mas desde que a Integração voluntária foi sugerida, perdemos mais de 75% de nossos melhores alunos.

Gruwell: Bem, na verdade, escolhi a Wilson School por causa do Programa de Integração. Acho que o que está acontecendo aqui é muito excitante, você não acha?



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

Meu pai participou do movimento pelos Direitos Cívicos. E, lembro que na época que vi pela TV os tumultos de Los Angeles, eu planejava estudar Direito. E pensei: “Deus, quando se defende um jovem no tribunal, já se perdeu a batalha”! Acho que a verdadeira luta deveria acontecer aqui na sala de aula.

Coordenadora Campbell: Bem, esta é uma frase bem pensada!
(FREEDOM WRITERS, 2007).

Como uma estratégia para apresentar ao espectador as personagens do filme, acompanhamos o drama da aluna Eva Benitez (April Lee Hernández), que quando criança testemunha um assassinato e presencia a prisão de seu pai. Eva, agora adolescente, assim como as duas gerações anteriores de sua família, também é membro de gangue, demonstra pouco interesse pela escola e apresenta-se descrente em relação às boas intenções de Gruwell. Em seu primeiro contato com a nova professora, não demonstra empatia, pelo contrário, enfrenta a docente motivando a resistência dos alunos contra a novata. Ao longo da narrativa, Eva discute várias vezes com Gruwell, pois acredita que a professora branca não conhece sua realidade e, por isso não tem condições de respeitá-la. A professora por sua vez, percebe que Eva exerce relativa influência sobre a turma que, mesmo segregada pelos grupos étnicos e gangues, parece projetar em Eva o papel de porta-voz dos alunos. Assim que percebe a situação de disputa de Eva por demarcação de território, a bem-intencionada professora direciona seus esforços na aproximação com a aluna.

A narrativa segue retratando cenas dos demais alunos em suas famílias disfuncionais, ilustrando a pressão que sofrem para ingressarem nas gangues, os maus tratos domiciliares, o descaso da escola e da polícia, as condições humildes de suas residências, bem como a animosidade latente em sala de aula entre os grupos de alunos de diferentes etnias e culturas. Em algumas cenas, temos o ponto de vista do aluno narrando sua condição de sujeito da periferia, seus relacionamentos familiares e amorosos abusivos, seus pais ausentes, suas angústias de adolescentes afroamericanos ou latinos pobres. O corpo docente por sua vez, é representado na maioria por brancos, com professores e professoras de meia idade caracterizando o *status* da profissão por meio de suas vestimentas alinhadas.

Na imagem 1, o *close-up* está na parte frontal da sala dos professores, onde visualizamos o Diretor Banning em pé ao lado da coordenadora Campbell. A reunião tinha



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

como pauta a discussão sobre a suposta participação de um aluno da turma 203 de Gruwell em um tiroteio na região. Na imagem 2, o foco é o fundo da sala, onde no canto esquerdo, temos o único negro presente na sala, mas sua função não é a de professor, trata-se de um dos inspetores responsáveis pela segurança da escola.

Cena da Sala dos Professores



Imagem 1 – Fonte: FREEDOM WRITERS (2007)



Imagem 2 – Fonte: FREEDOM WRITERS (2007)

Ao imergir na realidade de seus alunos, Gruwell se compadece da realidade que os cerca e por isso, adapta sua prática para torná-la atrativa e significativa. Para tanto, busca apoio da Secretaria de Educação para subverter o currículo e as determinações impostas pela coordenadora Campbell, com quem desde o início estabelece uma relação complicada de forças e disputa.

Entre as poucas cenas em que Gruwell aparece explicando algum conteúdo curricular, observamos conflitos, brigas e intolerância entre os alunos, ao que entram em cena os inspetores de segurança. Mesmo diante de brigas e atritos em sala de aula, a professora mostra-se positiva, resiliente e persistente, não fazendo da rivalidade entre os grupos, o centro de sua aula. A esse respeito, Ficher e Baladeli (2017) destacam que “[...] as imagens da docência nas lentes do cinema evidenciam a naturalização de professores heróis em meio a instituições problemáticas, carentes de perspectivas, desprovidas de inovação e compostas por alunos estigmatizados e com dificuldades de aprendizagem” (p.270).



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

O currículo, por sua vez é retratado como um documento engessado, desconexo, homogeneizador e alheio à realidade dos alunos. A professora Gruwell logo percebe a inadequação da relação de obras de leitura listadas no planejamento de suas turmas. A indignação da professora começa com a sugestão da coordenadora para que os alunos leiam as obras de literatura adaptadas. Gruwell discorda de tal posicionamento e questiona a emergência em se adaptar o currículo, possibilitando novas abordagens de ensino e novos conteúdos que estejam alinhados ao conhecimento prévio e aos repertórios culturais dos alunos. Além disso, a questão da aprendizagem, também se destaca como ponto nevrálgico nos filmes de escola, isso porque, na maioria das vezes, nos enredos os alunos aparentam ser desmotivados e descrentes em relação à função da escola em suas vidas.

Para Apple (1999), todo o currículo resulta de relações de poder, de embates econômicos, políticos e também disputas culturais. O currículo representa, portanto, uma forma de controle e a legitimação de visões hegemônicas, já que o conjunto de conhecimentos padronizados pode operar como forma de controle social e econômico.

O currículo é ele próprio, parte integrante do que tem sido designado como tradição selectiva. Isto é, do vasto universo de conhecimentos disponível, apenas uma parte consegue ser reconhecida como conhecimento oficial, sendo declarado como legítimo por oposição à cultura popular (APPLE, 1999, p. 18).

No cinema, o professor representa a autoridade e o agente responsável pela imposição da cultura hegemônica, sistematizada no próprio currículo. Por essa razão o professor é visto pelos alunos como um opositor, que objetiva o enquadramento dos alunos ao conjunto de valores culturais que consideram opressores. Para Borges (2012), os filmes repetem o cenário com “[...] turmas difíceis de lidar ou turmas de rápida compreensão são as preferenciais; o desempenho do professor, normalmente, consiste em se fazer entender, ou em obter sucesso com os alunos” (p.306).

Na perspectiva de Gruwell, o currículo da *Wilson School* não contribui para que os alunos se interessem pelos conteúdos, pelo contrário, os mantém apáticos e desinteressados. Por se tratar de uma escola participante do Programa de Integração, o próprio distanciamento



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

da realidade vivenciada pelos alunos da pragmática dos conteúdos curriculares evidencia o descaso da escola em adaptar-se ao novo público. O currículo conforme assevera Apple (2006) pode atuar como mecanismo de manutenção das relações de poder, consolidando e legitimando o estado das coisas que no contexto de Escritores da Liberdade, refere-se a não aprendizagem dos alunos por esses serem considerados problemáticos e pouco aptos aos estudos.

A professora forasteira, então propõe outra relação de obras literárias para serem lidas durante o semestre, que segundo ela, fariam mais sentido para aqueles alunos. Porém, com a falta de apoio da coordenadora da escola, percebe que terá de buscar apoio em outra escala da hierarquia institucional. Gruwell sabe que sem o apoio financeiro do Conselho de Educação, terá de ela mesma custear a aquisição de novos livros para leitura, o que a obriga a aceitar um trabalho temporário como vendedora em loja de *lingerie*. Seu esposo Scott, a princípio, não concorda e questiona a coerência em se buscar um 2º emprego para custear o 1º. Gruwell argumenta que será temporário e, que com o tempo e o bom rendimento de seus alunos, a própria coordenação da escola terá inevitavelmente de apoiá-la em seus projetos.

As imagens da escola e os sentidos sobre a docência, retratados no cinema, conforme pesquisas de Ferreira (2009); Fabris (2010); Dalton (2010); Teixeira (2010); Borges (2012); Cann (2013) revelam que, o arquétipo do professor herói branco com inclinação a salvador, continua sendo reproduzido nos enredos cinematográficos. Nesses termos, em contextos socioculturais desfavoráveis, como o de escolas públicas periféricas, geralmente adotadas como cenário das narrativas, emerge a necessidade de um professor excepcional, dotado de qualidades morais, boa vontade e determinação para transformar a realidade e, em Escritores da Liberdade o enredo não é diferente.

OS PROBLEMÁTICOS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA

A escola pública nos filmes é retratada como espaço conflituoso, onde atuam forças antagônicas; de um lado a gestão escolar austera e indiferente aos alunos e, de outro, os



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

alunos que vêem nos professores e no currículo o símbolo da opressão. Para Fabris (2010), a escola do cinema se caracteriza como “[...] reduto da violência urbana, mas, ao mesmo tempo, é essa escola que, na figura de um professor herói, milagreiro e santo, pode transformar a situação” (FABRIS, 2010, p. 239). Nessa lógica, as escolas são retratadas como lugares problemáticos que beiram o caos, onde nada ou pouco funciona adequadamente, os alunos não aprendem, os professores veteranos mostram-se apáticos, indiferentes e conformados, a gestão também não contribui para que a realidade seja alterada, visto que primam apenas pela manutenção da ordem e dos índices de matrícula.

Dado incontestado, a escola como espaço formal de acesso ao conhecimento quase inexistente nos filmes de escola acaba caracterizando-se como *locus* para mudança de comportamento dos alunos, estes representados como indisciplinados, desrespeitosos e avessos aos estudos. Para Ferreira (2009) “as dificuldades dos alunos e o fracasso do processo de ensino habitualmente e corriqueiramente implicam em questionamentos sobre a competência do professor. Raramente é considerada a totalidade dos fatores contextuais” (p. 26). A realidade só é questionada quando do ingresso da figura do professor *outsider* que mesmo encontrando resistência por parte dos alunos e dos gestores, insiste em modificar a imagem que os alunos têm de si e da escola.

Os problemáticos alunos da turma 203 são prioritariamente moradores da periferia de Los Angeles, afroamericanos, latinos, cambojanos ou brancos pobres que integram ou conhecem de perto a realidade ditada pelas gangues e traficantes. Nas aulas de Gruwell, os alunos interagem apenas com seus pares, evidenciando uma segregação étnica na turma, que ao menor sinal de provocação, desencadeia conflitos e brigas em sala de aula.

A professora observa que a segregação e a intolerância entre os grupos prejudicam a aprendizagem, e decide realizar uma dinâmica nomeada de Jogo da Linha. A dinâmica consiste em fixar uma fita vermelha no meio da sala e, toda vez que a resposta à pergunta fosse positiva, os alunos deveriam alinhar-se à faixa, ficando inevitavelmente, face a face com outros alunos.



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

Cena do Jogo da Linha



Imagem 3 – FREEDOM WRITERS (2007)

O jogo dá resultados, pois na medida em que os alunos aproximavam-se da linha para responder às perguntas, observam que seus colegas, até então rivais, tem experiências de vida similares às suas, dado que contribui para a diminuição da animosidade e até para o estabelecimento de relativa empatia entre eles.

A AMBIVALÊNCIA DA IMAGEM DO PROFESSOR SALVADOR

No início da narrativa a professora está casada com Scott. As cenas que mostram a relação familiar de Gruwell e Scott enfatizam o bom relacionamento, as conversas durante as refeições sobre o trabalho de ambos e os comentários acerca das expectativas do pai de Gruwell sobre o futuro profissional da filha. Conforme Gruwell imerge em seu trabalho como professora, começa a extrapolar o limite das atribuições da função. Logo, por preocupar-se quase que exclusivamente com sua turma, relega sua relação com o esposo Scott ao segundo plano. Seu casamento começa a desestabilizar-se, primeiro porque Gruwell passa cada vez menos tempo em casa e, segundo, por tomar as decisões referentes ao custeio dos projetos pedagógicos sem debatê-las com o esposo, isolando e afastando Scott de sua motivação precípua - a salvação da turma 203. Com formação na área, porém sem experiência docente, Gruwell mostra-se insegura como professora, sobretudo mediante a desaprovação de seu pai que considera o trabalho da filha perigoso e aquém de seu potencial.



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

Da mesma forma que outros filmes de escola, o(a) protagonista professor(a) arrisca sua vida pessoal em nome da educação, evidenciando no roteiro a incompatibilidade entre a competência e engajamento profissionais com a vida familiar ou social. A idealização do(a) professor(a) nos filmes de escola é movida pelo clichê da ausência de vida privada, o que seria a condição *sine qua non* para a dedicação ao projeto de educação do(a) protagonista. O bom professor seria aquele que extrapolaria o seu papel de professor, construindo um laço afetivo com os alunos, atuando de forma emocionalmente engajada a ponto de confundir seu papel perante os alunos.

Estes professores e professoras frequentemente estão mais estreitamente alinhados com seus/suas estudantes do que com os outros adultos na escola. As relações professor/a-estudantes, tais como são retratadas nos filmes, variam em seu grau de intimidade, mas geralmente envolvem algum tipo de "quebra de regras" (DALTON, 1996, p. 106).

Aproveitando uma situação de *bullying* em sala de aula, Gruwell adverte a turma de que catástrofes como o Holocausto começaram com a discriminação, a intolerância e a tentativa de extermínio de um grupo social. Um dos alunos então, pergunta o que foi o Holocausto, o que faz a professora buscar na biblioteca escolar algumas obras literárias sobre o tema. Todavia, a coordenadora Campbell a desencoraja a levar a obra escolhida O diário de Anne Frank para a leitura da turma, primeiro por ser uma obra complexa, segundo porque poderiam danificar os livros novos da biblioteca. Então, sugere que a professora leve as adaptações de literatura, já que são livros mais baratos e, que se extraviados onerariam menos a instituição. Indignada, Gruwell procura o Secretário de Educação Carl Cohen com quem argumenta a necessidade de realizar projetos pedagógicos com a turma 203, estes que incluíam a inserção de novas obras de leitura e a realização de passeios como atividades pedagógicas. Disposta a isso, compromete-se com o secretário que conseguirá angariar verbas para a realização dos projetos, mas em contrapartida, solicita seu apoio junto à opositora coordenadora Campbell.



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

A professora obstinada e agora com o aval do secretário, compra exemplares de livros para a leitura e também cadernos de redação (*journal*) para que os alunos escrevam suas histórias, poemas, pensamentos. A compra extrapola o orçamento da professora que já atua em dois empregos, na escola e na loja de *lingerie* como vendedora, situação que a faz assumir o terceiro emprego temporário, desta vez como recepcionista em hotel.

Dando sequência ao seu projeto pedagógico, Gruwell aborda o tema do Holocausto por meio de uma visita da turma ao Museu da Tolerância - Centro Simon Wiesenthal (exposição sobre o Holocausto). Para tanto, conta com o apoio de seu pai no transporte dos alunos até o museu. Além do passeio, a professora custeia um jantar para os alunos no restaurante do luxuoso hotel onde trabalha como recepcionista aos finais de semana.

Cenas do passeio no museu



Imagem 4 – FREEDOM WRITERS (2007)

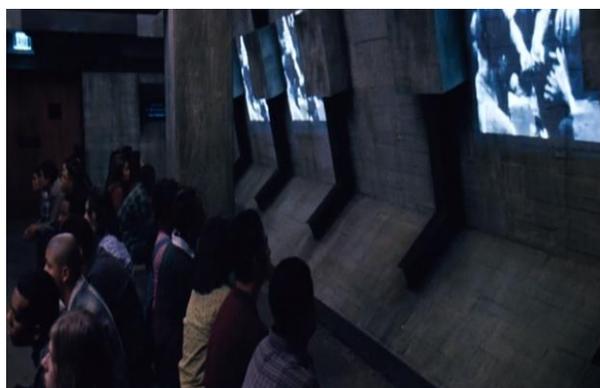


Imagem 5 – FREEDOM WRITERS (2007)

O passeio no museu interativo (imagem 4 e imagem 5) tem um impacto positivo no comportamento dos alunos e na forma como percebem a si e a escola. Como consequência, tornam-se mais receptivos às propostas da professora e se engajam no projeto de leitura da obra *O Diário de Anne Frank*, comprada pela professora. A partir disso, está estabelecido um vínculo entre Gruwell e a turma 203, que passa a cooperar com a professora, participando das aulas, fazendo as leituras e registrando nos cadernos de redação (*journal*) seus pensamentos e narrativas. Devido ao entusiasmo e comprometimento demonstrado pelos alunos depois da



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

visita ao Museu da Tolerância, como atividade final precisam escrever uma carta para a Sra. Miep Gies (personagem da obra O Diário de Anne Frank que protegeu a protagonista da perseguição dos nazistas).

Motivados, unidos e dispostos a tornar a atividade final mais significativa e real, sugerem à professora que a carta seja efetivamente enviada e que viabilizem a visita da Sra. Miep Gies à escola. O currículo até então engessado e indiferente aos alunos, passa a reconfigurar-se mediante a ação dos próprios alunos que, engajam-se em atividades contextualizadas e significativa. Nesses termos, o estudo do tema do Holocausto ganha novas proporções, na medida em que os alunos passam a atuar como protagonistas no projeto pedagógico iniciado pela concepção de educação defendida por Gruwell. Os alunos, antes caracterizados como desinteressados, rebeldes e sem condições de aprender, agora, mostram-se comprometidos com a leitura e a escrita, demonstram empatia e consideração pelos colegas e pela ação da professora.

As atividades de leitura, a experiência de visita ao Museu Interativo e a prática de escrita nos cadernos de redação, aproximam a professora e a turma. Se o bom relacionamento com a turma 203 finalmente se estabelece, em contrapartida, o casamento da professora é prejudicado, sobretudo, com a pressão de Scott para que ela escolha entre o casamento e o trabalho. Ao voltar da visita ao museu, a professora entusiasmada com os resultados obtidos junto aos alunos percebe a indignação no semblante de seu esposo Scott.

O movimento de câmera então nos mostra a perspectiva de Gruwell, que finalmente pára de falar do passeio e percebe algumas malas dispostas no corredor próximas a Scott.

Scott: Se tomar outro copo, vai ficar com dor de cabeça.

Gruwell: Fez as malas e acha que o vinho vai me dar dor de cabeça? Por que está fazendo isto? Por que não te dou muita atenção?

Scott: Não, não é isso. É que...estou levando uma vida com a qual não concordo. Erin, é só que... é tão difícil!

Gruwell: Sua vida é tão difícil?

Scott: Acho que o que você está fazendo é nobre e é bom. Me orgulho de você, de verdade. Só quero viver minha vida sem me sentir culpado por isso.

Gruwell: Não estou tentando fazer se sentir mal. Não planejei me tornar responsável pelos garotos.

Scott: E quem pediu pra você fazer isso?



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

Gruwell: Ninguém pediu! Por que tinham de me pedir Scott?

Scott: Eles não são seus filhos!

Gruwell: Por que teriam de me pedir Scott? Finalmente descobri para que nasci e adoro isso. Quando eu os ajudo a darem sentido às suas vidas, tudo na minha vida se completa. Quantas vezes se consegue isso?

Scott: Então, para que precisa de mim?

Gruwell: Você é meu esposo! Por que não me apóia e participa, como as esposas apóiam os maridos?

Scott: Porque não posso ser sua esposa. Queria que não soasse tão mal.

Scott: Erin, se tivesse de escolher entre nós e a turma, quem você escolheria?

Gruwell: Se você me ama, como pode perguntar isso?

(FREEDOM WRITERS. LAGRAVENESE, 2007).

A atitude de Gruwell ilustra mais um clichê presente nos filmes de escola, o da incompatibilidade do papel social de professora com outros papéis ou identidades sociais (BORGES, 2012; DALTON, 2017). Por extrapolar as atribuições da função, Gruwell assume a docência na turma 203 como missão que requer alguns sacrifícios, no caso dela - o divórcio.

Contratada como temporária para lecionar durante um semestre, a professora agora divorciada, reivindica ser a professora da mesma turma no ano seguinte, o que desencadeia novos embates com a coordenação e com o professor sênior que seria o professor designado para tal série.

Cenas dos alunos lendo O Diário de Anne Frank



Imagem 6 – FREEDOM WRITERS (2007)

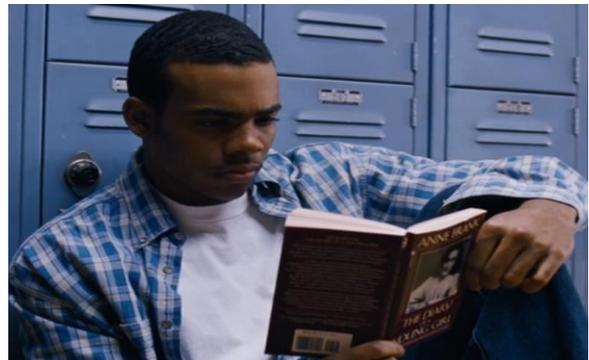


Imagem 7 – FREEDOM WRITERS (2007)

As atividades de leitura, a visita ao museu e a prática de escrita nos cadernos de redação, estabelece um laço afetivo entre a turma e a professora, que com sua abordagem



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

democrática e carinhosa conquista o respeito e o afeto dos alunos. Cenas de alunos lendo em várias situações, em casa, no ginásio, na escola, nos corredores, (imagem 6) e (imagem 7) Eva e Mario, respectivamente, retratam a influência da abordagem da professora que, aos poucos incentiva a leitura e a escrita por meio de atividades significativas. A leitura de O diário de Anne Frank, escrito por uma protagonista de 13 anos, desperta o interesse dos alunos por considerarem que as dificuldades vivenciadas por ela durante a perseguição aos judeus, guardada as devidas proporções, tem similaridade com a violência instaurada pelas gangues.

A jornada de Gruwell termina de forma gloriosa, obtendo ela a autorização da Secretaria de Educação para lecionar para turma 203 pelos próximos semestres. Assim, a concretização da missão de Gruwell ocorre com a compilação dos diários escritos pelos alunos, estes que são organizados pela professora e publicados em forma de livro intitulado - O Diário dos Escritores da Liberdade².

O filme *Escritores da Liberdade*, narrativa adaptada do livro homônimo narra a trajetória de uma professora branca em escola pública de periferia dos Estados Unidos. O enredo baseado em fatos reais destaca a atuação da dedicada e persistente professora que, abdica de seu casamento em nome do trabalho docente. Por afrontar à coordenação da instituição, por custear seus próprios projetos pedagógicos, por questionar o currículo, Gruwell representa a imagem da professora que efetiva a transformação de uma sala de aula considerada problemática.

Os demais professores da escola, além de não colaborarem com a novata, a viam como um empecilho para a manutenção do *status quo*, uma vez que, com a visibilidade conquistada pelas ações da professora a escola passa a despertar o interesse da mídia local, desencadeando ainda mais conflitos entre a professora e a gestão.

Muitos dos professores e professoras de Hollywood colocam em perigo seus empregos por deixarem de lado (quando não por ridicularizar abertamente) as

² Título original - *The Freedom Writers Diary – How a teacher and 150 teens used writing to change themselves and the world around them* (BATAM, 1999).



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

políticas da escola. A maioria tenta transformar o currículo estabelecido de suas escolas num currículo que satisfaça melhor as necessidades de seus/ suas estudantes. Muitos/as assumem riscos de um tipo ou de outro para tentar estabelecer um vínculo pessoal com os/as estudantes (DALTON, 1996, p. 118).

Segundo Dalton (1996), o filme *Escritores da Liberdade* pode ser caracterizado como biofilme por ser em maior ou menor grau baseado em fatos biográficos. A chegada da insegura professora Gruwell à instituição, indubitavelmente desestabiliza a ordem à medida que retrata que ser boa professora, implica em vivenciar exclusivamente a profissão em seu grau máximo de envolvimento pessoal com os alunos.

Essa fórmula hollywoodiana de retratar tanto o professor temporário, quanto o aluno de escola pública, desencadeia um conjunto de sentidos estereotipados. O bom professor segundo o cinema prioriza a sua missão em detrimento de sua vida privada, isso faz com que se naturalize que o papel social de professora não coexiste ao papel de mãe ou de esposa (FABRIS, 2010; BORGES, 2012). Em outras palavras, há a transposição das preocupações de mãe para o papel de professora, assim os alunos deixam de figurar como alunos, para tornarem-se responsabilidades e preocupações pessoais de uma boa professora.

A fé na escola como portadora da fórmula do progresso da civilização ainda é forte nesses filmes, mesmo que para isso se precise dizer, em cada história, em cada situação narrada, que a culpa de todo esse caos é dos alunos e alunas, que são seres demonizados, pertencentes a gangues, adeptos da violência, sexo e drogas, ou, ainda, que a culpa é de professores e professoras, vilões e vilãs que são acomodados e não sabem o que ensinar e por que ensinar. No entanto, todos os problemas se resolvem graças ao professor herói (FABRIS, 2010, p. 239).

O aluno de escola pública é vítima da pobreza, sem perspectiva, tem dificuldades de aprendizagem, dispõe de pouco interesse pelos estudos, é oriundo de família disfuncional reduto do descaso e desrespeito. O professor *outsider* é retratado como o único sujeito com capacidade para transformar a triste realidade dos alunos. O bom professor segundo as imagens do cinema tem somente características positivas, ao passo que o aluno é retratado como desinteressado que carece de um processo civilizatório. Dessa ambivalência, prevalece o professor branco salvador que, representando a cultura letrada e os valores morais



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

hegemônicos, concretiza sua jornada do herói como aquele que completa sua missão ao transformar os alunos em sujeitos respeitosos, cooperativos e até afetuosos. O preço que se paga pela missão é alto, mas o professor *outsider* tem as características e a perseverança que os demais não demonstram ter, tanto que a jornada do professor herói é solitária. Na lógica - um contra todos, contra a gestão, contra o conselho escolar, contra os alunos rebeldes, contra as ingerências burocráticas - o professor *outsider* figura como a personagem solitária e determinada e cumprir sua jornada (CANN, 2013; FICHER e BALADELI, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Escritores da Liberdade*, os problemas dos alunos de escola pública são resolvidos a partir do surgimento de uma professora bem intencionada, motivada, afetuosa, que ao contrário dos demais professores, demonstra empatia e coragem para salvar a turma 203.

Gruwell apresenta-se como uma professora simpática, vestindo na maioria das cenas um *tailleur* vermelho, colar de pérolas, sapato *scarpin* de salto médio, utilizando em todas as interações com os alunos a norma culta da língua. Em termos de personalidade é resiliente, compreensiva, paciente e otimista, mesmo diante das inúmeras situações conflituosas com a coordenação e com a turma, não eleva o tom de voz. Os alunos por sua vez, são retratados como adolescentes da periferia, são barulhentos e de modos grosseiros, em sua maioria utilizam boné ou moletons largos com capuz, fones de ouvido pendurados no pescoço, meninas maquiadas e usando vários acessórios de bijuterias. No comportamento têm semblantes tristes ou agressivos, reclamam de sua situação, falam alto, usam de palavras de baixo calão para agredir os demais alunos e a professora e questionam a relevância da escola em sua vida prática.

Os multiletramentos nos possibilitam interpretar as linguagens verbal, visual e sonora, como indícios de sentidos e intencionalidades de um discurso não neutro. Segundo Baladeli (2011), diante da convergência das linguagens, verbal e não verbal, surge a necessidade de desenvolvermos estratégias de leitura também para textos multimodais. No caso do cinema,



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

ainda que adotemos a suspensão da descrença e que aceitemos o filme como um recorte, editado e roteirizado para fins de entretenimento, em uma perspectiva crítica, torna-se inevitável a problematização das imagens da profissão professor retratadas nestas narrativas.

As reflexões apresentadas indicam que, embora caracterizados como produções estéticas, os filmes de escola insistem na caracterização do professor como um sujeito motivado pela missão. Indubitavelmente, os filmes comerciais propagam vertiginosamente a naturalização das imagens do aluno de periferia como problemático e do professor *outsider* como salvador. Assim, professores espectadores, projetados nas telas do cinema, tendem a identificar-se com as personagens e com a narrativa, quando observam que seus dramas pessoais, dilemas profissionais e crises existenciais, encontram solução ainda que só na ficção.

O discurso cinematográfico pode acentuar visões estereotipadas de sujeitos, grupos sociais ou mesmo, pode ainda sugestionar os espectadores de que o modelo de bom professor é aquele retratado pelos filmes. Se considerarmos que as cenas de filmes de escola são corriqueiramente adotadas em cursos de formação docente ou semanas pedagógicas como estratégia motivacional, precisamos considerar o impacto destas imagens da docência na percepção que professores constroem sobre si e sobre a profissão.

Por fim, as narrativas que retratam a escola representam uma fotografia possível da realidade, imaginada, editada e adaptada, conforme os interesses da indústria cinematográfica, dado que não exclui a necessidade de um olhar crítico por parte de professores espectadores sobre os discursos veiculados sobre a profissão, objetivo aventado pela presente análise.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Tradução Vinícius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- APPLE, Michael W. **Poder, significado e identidade: ensaios de estudos educacionais críticos**. Porto: Porto Editora, 1999.



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

BALADELI, Ana P.D. Hipertexto e multiletramento: revisando conceitos. **Revista E-escrita do Curso de Letras**, UNIABEU, Nilópolis, RJ. V.2, n.4, p.1-11, 2011.

BORGES, Fabrícia T. A professora que vemos nos filmes: construção identitária e significados da docência. **Caderno Cedes**, Unicamp, v.32, n.88, p. 303-317, 2012.

CANN, Colette N. What school movies and TFA teach us about who should teach urban youth: dominant narratives as public pedagogy. **Urban Education**, v.50, n.3, 2013, p. 288-315.

DALTON, Mary. **Critical media studies: student essays on Education and Popular Culture**. North Carolina, US: Library Partness Press, 2017.

DALTON, Mary. **The Hollywood curriculum teachers in the movies**. 2nd edition. Peter Lang: New York, 2010.

DALTON, Mary. O currículo de Hollywood: quem é o bom professor, quem é a boa professora? **Educação e Realidade**, v. 21, n. 1, jan./jun. p.97-122, 1996.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 133- 144.

FABRIS, Eli T. A. A pedagogia do herói nos filmes hollywoodianos. **Currículo sem fronteiras**, v. 10, n.1, p. 232-245, jan./jun., 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Revisão e tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Susana C. Professores e professoras nos filmes, história e papéis sociais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.4, n. 1, p.85-96, jan./jun. 2009.

FICHER, Cleyton L.; BALADELI, Ana P.D. **O professor no cinema: reflexões sobre a imagem do professor herói no filme O Triunfo**. Travessias, Cascavel, v.11, n.2, 2017, p. 259-273.

FREEDOM WRITERS. Direção: Richard Lagravenese. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg, Stacey Sher. Elenco: Hillary Swan, Patrick Dempsey. Paramount Picture, 2007. 122min.



Volume, 15, número, 1, ano 2019.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. Language education and multiliteracies. **Encyclopedia of Language and Education**. 2nd edition, v.1, p.195-211, 2008.

SIGNORINI, Inês. Letramentos multi(hipermidiáticos) e formação de professores de língua. In: SIGNORINI, I.; FIAD, R.: **Ensino de língua: das reformas, das inquietações e dos desafios**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

TEIXEIRA, Inês C. O que nos retém aqui? O cinema interroga a docência. In: FRADE, I.C. A. [et al] (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**, v.1, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.